REVISTA DO MUSEU PAULISTA

NOVA SÉRIE
VOLUME XXI

SÃO PAULO
1974

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

A OCUPAÇÃO HUMANA NA REGIÃO DE PEDRO LEOPOLDO E LAGOA SANTA — MINAS GERAIS: PRÉ-HISTÓRIA, ETNOLOGIA E COLONIZAÇÃO

Águeda Vilhena de Moraes

SUMMARY

The archaeological site of Lagoa Santa, Minas Gerais, was researched again in 1971, this time by a French-Brazilian mission. Through a bibliographic revision we have tried to build again the picture of its human occupancy in different periods, before and after the settlement and, at the same time, through an ethnologic approach we have tried to check which were the indian tribes from this region and their persistence.

This way we have approached pre-history from the point of view of a series of already made researches and these researches included the archaeological area and its antiquity.

Historically, we have searched the important facts of conquest by the "bandeirantes" in this territory of Minas Gerais and specifically the well known archaeological zone of Lagoa Santa. The records about the tenure of this region by the whites refer many times to the early inhabitants of this place and these very records indicate that these indian, from different tribes, were expelled from their lands.

Concluding we know that these information are very vague and that only through systematic excavations we can complete and make clear the cultural picture of its inhabitants in pre-historical times as well as retrace in periods their permanence in this place.

These are preliminary studies and sucessive campaigns of this area are foreseen.

Biblioteca Digital Curt Nimuendajú - Coleção Nicolai
www.etnolinguistica.org

A OCUPAÇÃO HUMANA NA REGIÃO DE PEDRO LEOPOLDO E LAGOA SANTA — MINAS GERAIS: PRÉ-HISTÓRIA, ETNOLOGIA E COLONIZAÇÃO

Águeda Vilhena de Moraes

A presente descrição limita-se à área prospectada pela Missão Franco-Brasileira (1) em 1971 no Vale do Rio das Velhas, e nos vários povoados pertencentes aos atuais Municípios de Lagoa Santa, Matozinhos, Pedro Leopoldo, Pintangui, Sabará (especificamente Santo Antonio da Roça Grande, margem esquerda do Rio das Velhas). Por serem limítrofes e por estarem incluídos em certas referências históricas, acrescentamos Santa Luzia, Vespasiano e regiões vizinhas (mapa 1).

Para muitos autores, o termo genérico da Região de Lagoa Santa abrange todos estes municípios supracitados, pelos motivos seguintes: 1) por fazerem parte de uma mesma área geológica caracterizada pelos afloramentos rochosos representados pelos maciços calcáreos; 2) por sua identidade arqueológica: grutas e abrigos que foram utilizados como habitação e/ou local de arte rupestre.

O propósito desse estudo é situar arqueologicamente, historicamente e etnologicamente as ocupações humanas na região prospectada em 1971.

Apoiamo-nos para tanto nos fatos concretos relacionados aos tipos de sítios e suas respectivas épocas; evidenciamos a presença do homem branco que resultou o rechaçamento dos indígenas; situamos os grupos indígenas que ocuparam a região que nos interessa e regiões vizinhas através dos relatos dos cronistas, dos Vice-Reis e dos trabalhos etnológicos.

Assim sendo, dividimos o presente estudo nas seguintes partes:

a) abordagem pré-histórica

b) abordagem histórica

c) abordagem etnológica

a) **Abordagem pré-histórica:** tudo o que antecede ao primeiro contato do índio com o homem branco, o civilizado (1.500 d.C.), diz respeito à Pré-História brasileira.

Sem dúvida alguma, o interesse pelos vestígios arqueológicos desta região foi despertado a partir das pesquisas do naturalista dinamarquês Peter Wilhelm Lund (1835-1844). O material arqueológico encontrado nas grutas e abrigos era abundante e Lund tentou a possibilidade de associar a fauna extinta a restos humanos, indicadores de presença do Homem na área num período correspondente a milhares de anos anteriores ao descobrimento (em Sumidouro, Cerca Grande e Lapa Vermelha). Os vestígios foram encaminhados ao Museu de Kopenhagen e criou-se, então, a idéia de ser Lagoa Santa a mais antiga região arqueológica da América.

Posteriormente, Padberg Drenkpohl (1926) explora a gruta de Confins, em Pedro Leopoldo. Desde 1933, as investigações na região são retomadas pelo grupo da Academia de Ciências de Minas Gerais: Arnaldo Cathoud, Anibal Mattos e H. Walter.

Além de pesquisas esporádicas, em 1956 uma equipe de arqueologia, constituída de norte-americanos e brasileiros, pesquisou a área e escavou parcialmente sete abrigos sob rochas e grutas, sendo que de um desses (abrigo n.º 6 de Cerca Grande, Município de Matozinhos) foi feita a datação pelo C-14 dando uma idade 9.720 ± 128 anos atrás (Hurt e Blasi, 1969).

São complementares os informes de Paula Couto (1970) e Fausto Cunha (1960) sobre a paleontologia da região, levando-se em consideração que tais dados são quase exclusivamente paleontológicos.

Entre as grutas prospectadas pela missão Franco-Brasileira incluem-se **Grutas de Confins, Lapa Vermelha** (vários abrigos nas 2 faces do maciço), **Abrigo de Poções, Lapa do Chapéu, Gruta Caieiras** (2 grutas), **Cerca Grande** (vários abrigos), **Lapa do Sumidouro** e **Lapinha** (vários abrigos). Na mesma região encontram-se outras, tais como Lapa do Borges, Abrigo Mãe Rosa, Eucaliptos, Samambaia, Limeira, Marciano (pesquisadas por Walter), Gruta Caetano, Gruta de Carrancas, Lapa das Boleiras.

Comprovada conforme já dissemos, a existência do Homem em Lagoa Santa há 10.000 anos aproximadamente, pelo C-14, faltam-nos situar os vários sítios e as várias camadas estratigráficas a fim de obtermos datações sucessivas que nos possibilitem uma reconstituição cultural e cronológica deste "habitat" pré-histórico.

As indagações e lacunas referentes à Pré-História desta área, que são imensas, só poderão ser elucidadas com o acréscimo de

novas informações baseadas em futuras e mais intensas pesquisas arqueológicas; uma razão pela qual nunca seria demais encarecer a necessidade da preservação desses importantes sítios arqueológicos.

b) **Abordagem Histórica:** Passando para o período histórico, acompanharemos **pari-passu** as notícias referentes às populações indígenas e aos primórdios da colonização nesse setor do atual Estado de Minas Gerais.

Assim sendo, ignoramos praticamente a existência de Minas Gerais nos dois primeiros séculos, pois somente no terceiro quartel do séc. XVII é que o território foi ocupado e fixadas as populações dos colonizadores, com a mineração e a introdução do gado, graças à obra grandiosa que se prende ao ciclo das Bandeiras paulistas.

A D. Francisco de Souza, quando ainda Governador Geral (1591-1602), é que se deve uma das mais notáveis entradas por aquelas regiões no começo do séc. XVII — a de André Leão. Segundo Orville Derby, partindo de São Paulo e galgando a Mantiqueira, a bandeira atravessou diversos rios atingindo as cabeceiras do São Francisco, identificando-se com Sabarabuçu uma serra que é provavelmente a de Pitangui. Dela fêz parte um flamengo, Wilhelm Jostten Glimmer, que forneceu o roteiro a Piso e Marcgrave (seu compatriota o primeiro, alemão o segundo) (1601).

Mais tarde, em 1675, a Bandeira de Lourenço Castanho Taques, o velho, encaminhou-se para o sertão dos Cataguazes, onde lutou contra índios, expulsando-os para além Paracatu.

De outras bandeiras que se seguiram, a mais importante, embora nula quanto às riquezas procuradas, foi o de Fernão Dias Pais, o célebre "caçador das esmeraldas" que, forçado a pousos repetidos, obrigando-se a plantar roças, deu origem a várias povoações. Em 1681, Fernão Dias Pais morreu no Sumidouro, à margem do Rio das Velhas, depois de ter explorado uma zona muito ampla no coração do Brasil.

Segundo realça Calógeres, três sertanistas componentes desta Bandeira distinguiram-se: Borba Gato (seu genro), cujo nome está ligado ao devassamento da região do Rio das Velhas; Garcia Rodrigues Pais (seu filho), que realizou a abertura de comunicação das Minas com o Rio de Janeiro; Matias Cardoso, que ligou as Minas aos currais de São Francisco (Bahia).

Nos fins do séc. XVIII, a formidável corrida para o ouro abriria o grande, posto que efêmero, ciclo do ouro ou da mineração. Atribui Basílio de Magalhães as descobertas das primeiras jazidas auríferas,

casualmente, a Antonio Rodrigues de Arzão no Sertão de Cataquazes (1693). Esta versão foi consagrada no Poema "Vila Rica", do Inconfidente Cláudio Manoel da Costa:

"Arzão é este, é este o temerário.
Que da Casca os Sertões tentou primeiro"
(nota: Casca é um afluente do Rio Doce)

E, no ano seguinte, para alí rumaram as Bandeiras de Bartolomeu Bueno de Siqueira (concunhado de Arzão).

Verdadeiro "rush" provocou o povoamento dessa região, calculando Antonil em 30.000 pessoas as que se ocuparam nos misteres da mineração.

Sem dúvida isto implicava na necessidade de recuo dos índios; já não se tratava, pois, de caça aos índios.

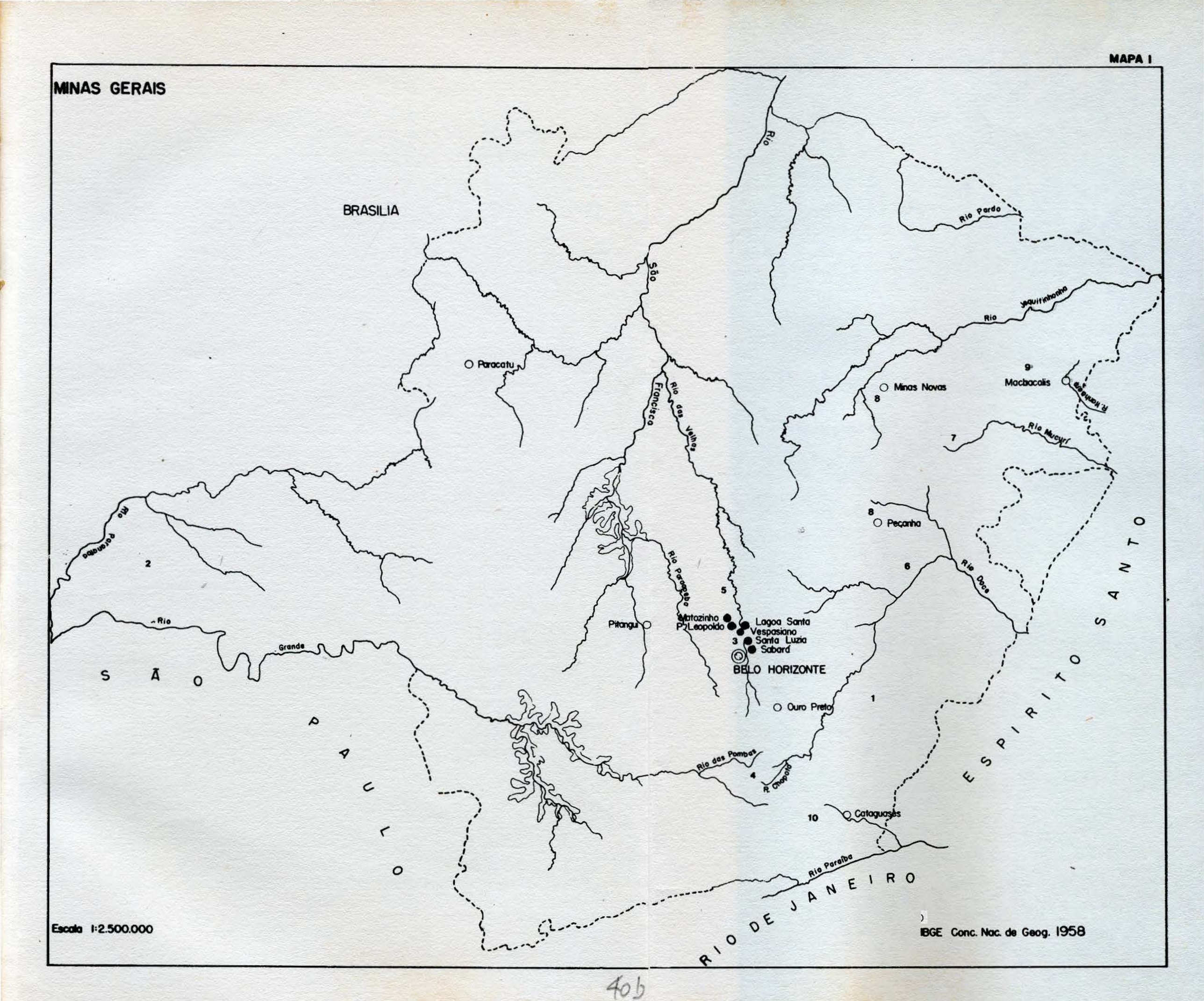
A este respeito, conta-nos Augusto de Lima Junior, em "Santa Luzia do Rio das Velhas", que cada lugarejo de seus arredores tem um capítulo na História das futuras Minas Gerais. A Bandeira fundadora de Fernão Dias Paes tem aí vários episódios... "No famoso Sumidouro, do grande acampamento até o Alto do Fidalgo, os campos viam a multidão de sequazes deambular com Manuel de Borba Gato e outros que se fixaram para sempre nesses desertos.

Estabeleceram-se inicialmente no alto das colinas por causa das enchentes do Rio das Velhas. Eram ranchos em que se abrigavam os que iam e vinham para a Bahia ou para o Tijuco. Isto porque Sabará, pedregosa, não comportava aglomerações, ao passo que Santa Luzia podia abrigar tropas de muares e boiadas sem limites."

Santa Luzia passou a ser o centro de abastecimento das regiões mineiras. Para ali iam as tropas de gado da Bahia e alí se plantavam mantimentos. Desempenhou importante papel salvando vidas na grande fome de 1700.

Era, pois, o Sumidouro o caminho bandeirante, depois da travessia do rio, passando por Lagoa Santa e embrenhando-se pelos cerrados.

Outro local relacionado, segundo a tradição, à Bandeira de Fernão Dias Paes seria o atual Pedro Leopoldo, onde o sertanista teria deixado vestígios de sua passagem e cujo povoamento só se iniciaria no séc. XVIII, como local de pousada para os que vinham de Montes Claros para Pitangui. Este último surgiria em 1709 (Vila Nova do Infante das Minas de Pitangui), povoado pelos paulistas que aí encontraram ouro à flor da terra.


MINAS GERAIS
BRASILIA
Rio São Francisco
Rio das Velhas
Rio Pardo
Rio Jequitinhonha
Rio Mucuri
Rio Doce
Rio Paraopeba
Rio das Pombas
R. Chopotó
Rio Paraíba
Rio Paranaíba
Rio Grande
Paracatu
Minas Novas
Macbacalis
R. Manhaçu
Peçanha
Pitangui
Matozinho
P. Leopoldo
Lagoa Santa
Vespasiano
Santa Luzia
Sabará
BELO HORIZONTE
Ouro Preto
Cataguases
1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
SÃO PAULO
ESPIRITO SANTO
RIO DE JANEIRO
Escala 1:2.500.000
IBGE Conc. Nac. de Geog. 1958

Sabará, antiga Sabarabuçu das primeiras entradas, tem o seu nome ligado ao sertanista Borba Gato, que revelou suas minas de ouro em 1700, depois de ter sido acusado de homicídio (a 28 de agosto de 1682) de Dom Rodrigo Castelo Branco, Superintendente de Minas no Brasil. A antiga Sabará compreendia em 1817 segundo nota de Saint Hilaire, extensa região, abrangendo a área que acaba de ser prospectada pela missão Franco-Brasileira.

Na mineração, para os trabalhos das lavras, foi introduzido grande número de escravos africanos, o que concorreu para intensificar a miscigenação racial.

Refere Boxer que muitos negros preferiam fugir ao penoso trabalho de mineração sob chicote. Houve até quem sugerisse o "emprego de tapuias amerindios para caçarem os negros fugitivos por serem melhores batedores do mato."

c) **Abordagem etnológica:** As referências aos indígenas do sertão mineiro até então vagas e esparsas, resultante do contato de branco com o aborígene, implicando em guerras, extermínios e fugas, ganharam mais realce com as observações das expedições científicas de viajantes e estudiosos europeus no séc. XIX.

Numa tentativa de trazer alguns dados para reconstituição da ocupação humana especificamente na área em estudo, coligimos os seguintes relatos:

Pedro Maria Xavier de Ataíde e Melo, Governador da Capitania de Minas Gerais em 1806, em Ouro Preto, faz reclamações ao Príncipe Regente das atitudes dos **"antropófagos Botocudos"** que atacam, matam e devoram os povos que se confrontam com a mata geral do **Rio Doce** e que as tentativas para afastar semelhantes "feras" foram infrutíferas.

Em 1808, o Príncipe em resposta sugere que se proponha aos Botocudos paz e submissão ou, então, a total redução de uma semelhante e atroz "raça antropófaga".

José Pereira Freire de Moura, em 1809, assim os define:

"Os ornamentos dos botoques no beiço e nas orelhas, o serem antropófagos, não se lhe conhecer domicílio certo, andarem sempre em pequenas partidas para poderem subsistir; porque vivem de caça e de pesca, não tendo o menor conhecimento de cultura: tudo isto concorre para se poder dizer com justeza que são ou fazem uma tribo dos **Botocudos"** (Rev. do Arquivo Público 1897).

Augusto de Saint-Hilaire em suas viagens à Província de Minas Gerais (1817) relata que o nome "Rio das Velhas" é assim designado

porque os bandeirantes paulistas encontraram nas vizinhanças desse rio, mulheres velhas da tribo dos **Carijó.** Por suas descrições, este vale denominado Comarca de Sabará, ou do Rio das Velhas, era bem extenso, incluindo a atual "região de Lagoa Santa".

Ao passar pela aldeia Alto dos Bois, refere-se ao início de seu povoamento em local próximo da aldeia dos índios Macuni, em 1800 aproximadamente. Estes e os Malali de Peçanha, por causa dos **Botocudo,** refugiavam-se entre os brancos. Assim, temos os Macuni, (facilmente engajados como soldados) e os Botocudo, que se caracterizavam como antropófagos perante os outros indígenas.

Spix e Martius (1817-1820) relatam em sua "Viagem pelo Brasil" excelentes fatos com relação aos indígenas já mencionados:

"Os índios eram antigamente senhores de todas essas terras auríferas da província; foram, porém por toda parte expulsos delas pelos imigrantes sequiosos de ouro. Ainda se acham alguns em Minas Gerais, mas a pouco e pouco se foram retirando para as impenetráveis matas virgens, que revestem a serra do Mar ao longo da Costa, numa extensão de trinta a cinquenta léguas, terras a dentro. São especialmente as tribos dos **Coroados, Coropós, Puris, Botocudos, (Aimorés) Macuanis, Malalis, Panhames, Nanhanes, Paraibas, (Goitacás?)**

Na parte ocidental da capitania, do outro lado do Rio São Francisco, notam-se às vezes bandos isolados de **Caiapós.** Essas tribos todas reconheceram a soberania dos portugueses, à exceção de uma parte dos Botocudos e dos Caiapós, e são dominados e contidos por diversos postos militares mantidos pelo Governo na orla das matas...

Os mais irriquietos e mais perigosos índios das Minas são os antropófagos **Botocudos,** que dominam particularmente a margem do baixo Rio Doce" (pág. 230).

Peter Wilhelm Lund (1844) supõe que a Lapa de Cerca Grande, localizada em Mocambo, Matozinhos, a 6 km do Rio das Velhas, era habitada pela tribo dos **Caiapós** (abrigo dos indígenas nômades).

Ehreneich estudou em 1887 o Botocudo, habitante do leste de Minas Gerais, que segundo ele é uma divisão do proto-Gê que vive em estágio de cultura inferior aos Bushmen e Australianos. Deve descender dos Aimorés, grupo muito conhecido nos dois primeiros séculos do descobrimento. Considera ainda, como sendo o Botocudo proveniente do grupo humano a quem pertenciam os crânios descobertos por Lund nas Cavernas de Lagoa Santa, Minas Gerais. Para o autor, são os Botocudos "os mais antigos restos antropológicos dos

povos Gês"; isto porque os atuais Botocudo e Caiapó possuem a mesma formação de rosto e estrutura de caixa craniana que o "Homem de Lagoa Santa", portanto seu antepassado.

Pelo fato de ter sido mencionado o problema da filiação de Botocudo com o Homem de Lagoa Santa, convém que apontemos certas resoluções já tomadas uma vez que toda problemática há vários anos levantada e discutida já está elucidada com o trabalho de antropologia física de Mello e Alvim (1963). Segundo este autor, verifica-se que "a antiga hipótese do estreito parentesco entre os índios "Botocudos" e o "Homem de Lagoa Santa" não pode ser comparado pelo confronto das medidas e índices cranianos".... e, ao contrário, verificamos de comparação entre eles que são morfologicamente diferentes.

Por serem os grupos indígenas muitas vezes designados genéricamente e também por causa de suas constantes migrações, torna-se difícil a sua localização precisa. Numa tentativa de reconstituição da área geográfica de sua distribuição em tempos históricos, possivelmente estariam assim localizados:

Botocudo: outrora dominou o sudeste, toda região oriental e o nordeste de Minas Gerais. Com os brancos, refugiaram-se para as margens do Rio Doce. "Vivem próximo ao Rio Doce, cerca de 300 milhas a nordeste do Rio de Janeiro". (Branner — 1888) (mapa 1-1)

Caiapó: O caiapó meridional, totalmente desaparecido no séc. XX, ocupou em Minas Gerais a região do Triângulo Mineiro (Métraux — 1962) (mapa 1-2).

Carijó: Tomavam parte nas expedições de conquista de Minas como escravos indígenas (Senna — 1937) (mapa 1-3).

Coroado: bacia do Rio Xipotó, braço do Rio Pomba, entre as serras da Onça e de São Geraldo: são calculados em 2.000 e foram catequisados no séc. XVIII (Spix e Martius) (mapa 1-4).

Goianá: ocuparam o vale do rio das Velhas. Aliaram-se aos paulistas em fins do séc. XVII. Pertence à nação Goiá (Senna — 1937) (mapa 1-5).

Krenak: grupo de apenas 59 indivíduos que ainda vive nos dias de hoje, no posto Marlière a margem esquerda do Rio Doce. Não conservou a sua antiga cultura material, apenas sobrevive a língua. (Baldus — 1944) (mapa 1-6).

Macuni: Vale do Rio Mucuri — Alto dos Bois (Saint-Hilaire) (mapa 1-7).

Malali: Rio Mucuri, desde descoberta do Peçanha até Minas Novas do Alto dos Bois (Saint-Hilaire) (mapa 1-8).

Maxacali: Ocupavam alto Jequitinhonha e Rio Pardo. Vivem atualmente na região das cabeceiras do Rio Itanhaem no município de Machacalis, no Estado de Minas Gerais, próximo da fronteira com a Bahia. Corresponde à região compreendida entre rio Mucuri e Médio Jequitinhonha (Rubinger — 1963) (mapa 1-9).

Puri: habitavam na encosta oriental da serra da Onça e as matas do norte do rio Paraíba e estendeu suas incursões até o rio Doce. Chegam a ser 4.000 (com exceção dos que habitam parte do Rio Pardo e rio Paraíba, estes não reconheceram a soberania dos portugueses (Spix e Martius) (mapa 1-10).

Conclusão: Há absoluta necessidade do trabalho arqueológico na área de Lagoa Santa, para a tentativa de verificação do recobrimento das culturas históricas sobre as culturas pré-históricas.

A tentativa deve ser dirigida no sentido da provável distribuição espacial das culturas pré-históricas com o objetivo de uma comparação posterior com a distribuição histórica.

Quanto à parte histórica, convém ressaltar que a ocupação da região pelos bandeirantes obrigava o recuo dos indígenas cada vez mais para o interior.

O aspecto etnológico apresentado não esgota e nem esclarece com precisão o povoamento indígena da área. Primeiramente, há nas declarações uma visão etnocêntrica, prejudicial a uma análise objetiva do grupo em estudo. Por outro lado, como as informações não são constantes, é impossível uma verificação das migrações ocorridas.

A pesquisa de Rubinger (1963) confirma em parte os relatos de Spix e Martius, "vê-se que algumas tribos que foram encontradas por viajantes e cronistas no final do séc. XVIII e começo do séc. XIX, localizadas nas áreas do Mucuri ou do vale Médio do Jequitinhonha, habitavam antes a área do alto Jequitinhonha e Pardo, e desta foram removidos por atos compulsórios da frente de penetração extrativa e mineradora. Ao contrário, as que se conservaram juntas de mineração, mesmo sob a proteção militar ou jurídica, foram levadas ao extermínio" (pág. 239).

Enfim, quanto ao vale do Rio das Velhas, que é de nosso interesse poucas são as referências a esta região e o que a seu respeito é comentado, é também discutível. Aqui fica entretanto este subsídio, cuja possibilidade de completar e elucidar o emaranhamento apresentado depende exclusivamente de futuras pesquisas.

BIBLIOGRAFIA

BALDUS, Herbert — "Entre os botocudos do rio Doce" de F. Mansur Guérios, "Revista do Arquivo Municipal, 96, S. Paulo, pgs. 217-218, 1944.

— "Bibliografia Crítica de Etnologia Brasileira", S. Paulo, pg. 859; 1968, vol. II, pg. 864, 1954.

BOXER, C.R. — "Idade do Ouro do Brasil — 1635-1750", Cia. Edit. Nacional, São Paulo, pg. 374, 1963.

BRANNER, John Casper — "Notes on the Botocudus and their Ornaments", Nov., pg. 5, 1888.

BRUNO, Ernani Silva — "História do Brasil Geral e Regional", vol. IV, Rio e Minas, Editora Cultrix, São Paulo, pg. 213, 1967.

BUARQUE DE HOLANDA, Sérgio — "História Geral da Civilização Brasileira", Tomo I, Difusão Européia de Livro, 1960.

CARVALHO FRANCO — "Bandeiras e Bandeirantes de São Paulo", Brasileira Cia. Edit. Nac., pg. 340, 1940.

CUNHA, Fausto Luiz de Souza — "Sobre o Hippidiou da Lapa Mortuária de Confins, Lagoa Santa, Minas Gerais", Rio de Janeiro, pg. 54, 1960.

GARCIA, Rodolpho — "Explorações Científicas", "Dicionário Histórico, Geográphico e Etnographico do Brasil", 2 vols., Brasil Impres. Nac. Rio de Janeiro, pgs. 856-910, 1922.

HURT, Wesley R. e BLASI, Oldermar — "O projeto Arqueológico Lagoa Santa", Minas Gerais, Brasil (Nota final), "Arquivos do Museu Paranaense", Nova Série, Arqueologia n.º 4, Paraná, abril, pg. 63, 1969.

LIMA JUNIOR, Augusto de — "Santa Luzia do Rio das Velhas" in "Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais", vol. X, pgs. 281-290, 1963.

MAGALHÃES, Basílio de — "Expansão Geográfica do Brasil Colonial", Biblioteca Brasileira de Cultura, R. J., 3.ª ed. pg. 526, 1946.

— "Manual de História do Brasil", Livraria Francisco Alves, R. J., pg. 432, 1944.

MATTOS, Anibal — "Peter Wilhelm Lund no Brasil", Cia. Edit. Nac. Brasiliana, pg. 291, 1939.

— "O Homem das Cavernas de Minas Gerais", Edit. Italiana, Belo Horizonte, pg. 263, 1961.

MELLO e ALVIM, Marília Carvalho de — "Diversidade Morfológica entre os Índios "Botocudos" do leste Brasileiro (sec. XIX)" e o "Homem da Lagoa Santa", Rio de Janeiro, pg. 85, 1963.

METRAUX, Alfred — "Disposition des Indiens dans le Brèsil Central, "Bulletin of the International Committee on Urgent Anthropological and Ethnological Research", n.º 5, UNESCO, Vieira, pgs. 126-131, 1962.

OILIAM JOSÉ — "Indígenas de Minas Gerais — Aspectos Sociais Políticos e Etnológicos", Edição Movimentos, Perspectiva, Belo Horizonte, pg. 217, 1965.

OLIVEIRA VIANNA, F. J. — "Etnographia V", O Grupo Gê, Tribus Gês, Literatura "Dicionário Histórico Geogıaphico e Ethnographico do Brasil", 1.º vol., rasil, Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, pgs. 260-262, 1922.

ORVILLE, Derby — "O Roteiro de uma das primeiras Bandeiras Paulistas", in "Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo", vol. IV, pgs. 329-350, 1899.

PAULA COUTO, Carlos de — "Paleontologia da Região de Lagoa Santa, Minas Gerais", Brasil — "Boletim do Museu de História Natural", Geologia, n.º 1, dez., Belo Horizonte, Minas Gerais — pg. 21, 1970.

PIRES, Antonio Olyntho dos Santos — "Lapa de Cerca Grande", "Revista do Arquivo Público Mineiro", Ano XXIII, 1925, Belo Horizonte, Imprensa Ofic. de Minas Gerais, pgs. 131-135, 1930.

RUBINGER, Marcos Magalhães — "O desaparecimento das tribos Indígenas em Minas Gerais e a Sobrevivência dos Índios Maxacali", "Revista do Museu Paulista", N. S., vol. XIV, S.P., pgs. 233-261, 1963.

SAINT-HILLAIRE, Auguste de — "Viagens pelas Províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais", tomo II, Brasiliana Cia. Edit. Nac., pg. 370, 1938.

— "Viagens pelo Distrito dos Diamantes e Litoral do Brasil", Cia. Edit. Nac., pgs. 130, 131 e 452, 1941.

SENNA, Nelson de — "Principais Povos Selvagens que tiveram seu "habitat" em território de Minas Gerais", "Revista do Arquivo Público Mineiro", Ano XXV, 1.º vol., 1937, Belo Horizonte, Minas Gerais, pgs. 337-355, 1938.

SPIX, Johann Baptist von e MARTIUS, Carl Friedrich Phillipp von — "Viagem pelo Brasil — 1817-1820", Tomo I, Edições Melhoramentos, Livro Quarto, pgs. 221-272, 1938.

TAUNAY, Affonso d'Escragnolle — "Relatos Sertanistas", Biblioteca História Paulista VII, Livraria Martins Edit., S. Paulo, pg. 234, 1953.

VIEIRA, Domingos de Abreu — "Memórias sobre a Capitania das Minas" — Revista do Arquivo Público Mineiro, Ano VI, Belo Horizonte, Imprensa Ofic. de Minas Gerais, pgs. 129-136, 1901.

WALTER, H. V. — "Arquelogia da Região de Lagoa Santa — Minas Gerais", "Índios Pré-Colombianos dos Abrigos rochedos", Séde, Rio de Janeiro, 227 pg., 1958.

PUBLICAÇÕES

"Botocudos ou Aymorés, in "Revista do Arquivo Público Mineiro", Ano II, 1897, Ouro Preto, Imprensa Oficial de Minas Gerais, pgs. 28-31, 1808.

"Sobre os Botocudos", "Índios e Sertões do Pomba — Os Índios de Lorena dos Tocoyós", "Revista do Arquivo Público Mineiro", Ano III, Ouro Preto, Imprensa Oficial de Minas Gerais, pgs. 743-748 e 761-768, 1898.

"Sobre os Botocudos", in "Revista do Arquivo Público Mineiro", ano IV, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas Gerais, pgs. 783-786, 1899.

ENCICLOPÉDIA DOS MUNICÍPIOS BRASILEIROS, Minas Gerais, vols.: XXV, pg. 423; XXVI, pgs. 75, 320, 373; XXVII, pgs. 93, 127, 316, 422, IBGE, Rio de Janeiro, 1959.

(1) A missão franco-brasileira em 1971 foi coordenada por ANNETTE LAMING-EMPERAIRE, da École Pratique des Hautes Études, Paris — França.

Biblioteca Digital Curt Nimuendajú - Coleção Nicolai
www.etnolinguistica.org